

OS IMPASSES DO AMOR: FRAGMENTOS DE UM CASO CLÍNICO

Mariana Machado Rocha Lima

Ao observar uma criança de um ano e meio em sua primeira brincadeira inventada, Freud pode demonstrar como ela se apodera dos momentos intensos de sua vida para se tornar senhora da situação. A brincadeira em questão, representava a ausência de seu objeto de amor, a mãe. A criança tinha o costume de jogar para fora do berço todos os seus brinquedos, emitindo um som de “oooo” autoritário que, segundo a sua mãe, se tratava da palavra “fort” em alemão que significa desaparecer. Certa vez a criança brincava com um carretel amarrado a uma linha. Ao jogá-lo para fora do berço e puxar o carretel, a criança saudava com júbilo, emitindo um som similar ao “da”, que foi significado como estar presente. Esse jogo, que representa a presença e a ausência do objeto de amor, se apresenta como uma repetição que vai além de qualquer busca do prazer e que marca, principalmente através da ausência, algo que insiste. Esse jogo é um trabalho de ligação e integração daquilo que não é simbolizável. Assim, esse jogo permite assimilar a transitoriedade da vida e a finitude. Pode-se dizer que essa brincadeira é um trabalho de luto que, como todo trabalho de luto, busca proteger a integridade narcísica do sujeito, que é atingida diretamente nesses momentos de separação. É um trabalho de elaboração.

Para analisar o caso clínico em questão, foi necessário articulá-lo a esse jogo de simbolização. M chegou na sua primeira sessão deprimida. Ela vinha de Minas Gerais para morar de favor com sua irmã, com o objetivo de fazer o tratamento. M afirmava não haver um sentido para seu sofrimento. Ela sempre demonstrou muita dificuldade em falar sobre a sua história e sobre as pessoas que faziam parte dela.

No entanto, apesar de se apresentar na maioria das vezes de forma silenciosa em sua angústia e tristeza, detecta-se três objetos de amor importantes em sua vida: a mãe, o filho e um homem. Depois de um período de atendimento, M me contou que seu sofrimento começou após o término da relação com esse homem.

No decorrer do tratamento, a mãe de M morreu. Ao retornar de sua cidade de origem, M estava muito triste e dizia “vou me acostumar, mas não vou me conformar”. Depois desse episódio, seu filho veio morar no Rio. A cidade materna se tornou o lugar da mãe perdida e M trouxe o filho, pois agora, mesmo que imaginariamente, esta seria

uma forma de resgatá-lo. Depois do acontecido, M faltou pela primeira vez e depois de duas sessões, me avisou que não voltaria ao tratamento.

A vida de M transitava entre Minas e o Rio de Janeiro. Seu amor também: entre o filho, a mãe e um homem. Até o evento da morte da mãe, essa transitoriedade entre os objetos amados ocorria na esfera do tratamento (mesmo que de uma forma aparentemente precária). M, porém, interrompe o tratamento, decidida de que precisava de umas férias. Com a morte, a perda se apresenta no real do discurso.

Em minha primeira leitura, tanto na decepção amorosa quanto na morte da mãe, com a impossibilidade da volta do objeto de amor, colocaram M de frente para algo seu muito primitivo e, por ser tão primitivo, ela não encontrava palavras para enfrentar a sua angústia. Voltando ao jogo do Fort–Da disse-se, por analogia, que o carretel da criança não pode voltar. O jogo foi interrompido. Quando M pede para sair do tratamento, pode-se pensar que o seu pedido se trata de uma defesa contra o tratamento analítico. No entanto, foi minha aposta na época que M, ao ter que lidar com a concretude da perda da mãe, não suportou a separação, que a análise implica de seus objetos internos infantis.

Ao longo de todo o processo desse atendimento, sempre me questioneei a respeito do diagnóstico diferencial. Durante o tratamento acredito não ter tido como colher muitos fragmentos de sua história. No entanto, com a dinâmica de sua saída, passei a supor que esse caso se tratava de uma melancolia, por ela ter se colado ao lugar materno.

Como no luto, a melancolia também é uma reação a uma perda de um objeto amado, mas essa perda pode ser da natureza de um ideal. É interessante ao relacionar com o nosso caso, observar que Freud escolhe exemplificar a melancolia com o exemplo de uma noiva abandonada. Ele observa que na melancolia, muitas vezes, se constata que algo foi perdido, mas que não sabemos com clareza o quê. Ele complementa:

“Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe quem ele perdeu, não sabe dizer o que se perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que escapa à consciência, diferentemente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente.” (FREUD, 1917, p.105)

A partir da perda, alguém em processo de luto acaba por perceber o mundo como empobrecido. É como o processo do sonho, descrito por Freud em outro texto, “Introdução ao Narcisismo (1914)”, que serve como alimento narcísico em que a libido é retirada do mundo e recolhida para o fortalecimento do Eu. Freud constata que na melancolia, ao se deparar com a perda, diferentemente de processos como o luto e o sonho, o próprio Eu é que se empobrece.

M contava que recentemente não encontrava interesse em mais nada, confessou-me, certa vez, que não poderia citar uma coisa sequer em sua vida que lhe despertasse algum tipo de satisfação. Não relacionava esse desinteresse diretamente à perda da relação amorosa, mas quando questionada, afirmava que seu sofrimento surgiu nesse momento de ruptura.

Segundo Freud, o processo do melancólico ocorreria logo depois da escolha do objeto amado, mas que nesse processo uma ofensa real ou decepção causou um estretecimento dessa relação. Na melancolia, não ocorre o processo normal de desligamento desse objeto como ocorre no luto, e a escolha do objeto é pouco resistente e os laços não são firmes. Os objetos amados de M também pareciam ser pouco resistentes, como foi analisado acima com o auxílio do trecho do texto de 1920.

Consequentemente, essa libido volta para o Eu e produz uma identificação do Eu com o objeto perdido. “A sombra do objeto cai sobre o eu.” (FREUD, 1917, p.108) Logo depois Freud completa:

“Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspecto do eu, e o conflito entre o eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao eu e o eu modificado pela identificação” (FREUD, 1917, p.108)

Como pré-condição para a melancolia, tem-se, portanto, uma fixação intensa no objeto de amor; porém, como uma contradição, é necessário que essa fixação seja acompanhada de uma fraca resistência e aderência desse investimento pelo objeto escolhido.

Como pude observar, no caso citado neste trabalho, o empobrecimento do Eu na melancolia parece ocorrer por uma fixação nessa situação de perda. É como Freud afirma, ao comparar a melancolia a uma ferida aberta que absorve por todas as partes os investimentos libidinais. Consequentemente, haverá um esvaziamento do Eu. Como pode-se supor a partir de uma leitura do jogo Fort–Da, por ela não ter tido a possibilidade de subjetivar esse jogo básico da presença e ausência, algo que pude

escutar em nossos poucos encontros, a perda parece ser acompanhada pelo peso do real. No momento de sua saída, trazer seu filho para o Rio de Janeiro pode ter sido uma forma de restaurar o lugar materno perdido, através de um processo primitivo da identificação mais radical, a incorporação desse objeto.

Ao apresentar esse trabalho em um seminário da SPID, no entanto, formulamos outra leitura sobre o caso. Foi a partir da morte da mãe que M pode pela primeira vez se colocar talvez de uma forma desejante. Até então ela nunca tinha me dito que queria algo, mas no dia de sua saída afirmava que agora iria dedicar sua vida ao filho. Não se pode ter certeza do diagnóstico, devido ao curto período de atendimento e por não se ter conhecimento de como ela lidou de fato com sua segunda perda. Essa saída pode ter sido uma incorporação, mas também podemos pensar como uma libertação de uma figura poderosa materna. M comentava pouca coisa sobre sua família e seu passado, mas dizia sempre estar preocupada com a mãe e relatava que, antes de sua vinda para o Rio de Janeiro, vivera para cuidar dela. Ao falar de seu filho, não parecia que ele ocupava uma preocupação muito central em sua vida. Afirmava que sua mãe a impediu de ter uma vida própria. Outro fato importante era que apesar de sempre se apresentar com uma expressão de muito sofrimento, ao longo do tratamento foi construindo uma vida no Rio de Janeiro e até mesmo começou a trabalhar pela primeira vez. Por mais que esses atendimentos tenham sido marcados por dúvidas, inseguranças e muita angústia, posso afirmar que esse caso me marcou profundamente e que para a paciente, independentemente do diagnóstico, houve um trabalho que a permitiu encontrar uma saída própria.

Referências Bibliográficas:

FREUD, S. (1914), À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1911-1915*. Rio de Janeiro: Editora Imago, v. 1, p. 133 a 173.

_____. (1917) Luto e Melancolia. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1915-1920*. Rio de Janeiro: Editora Imago, v. 2, p.99 a 122.

_____. (1920), *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro, 1998.

Rio, agosto de 2010.

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.